

Fraquezas do governo

GAUDÊNCIO TORQUATO

As falas do presidente José Sarney, em suas conversas no rádio ou em entrevistas exclusivas, exibem o perfil de um homem magoado, triste e isolado, com acentuada tendência para internalizar crises. A melancolia, que parece fixar-se profundamente em seu espírito, como marca que nada relembra o outrora exuberante senador maranhense, tem originado, na esteira de sentimentos de solidariedade de poucos amigos e aconchego dos filhos, um halo de intensa comoção e contrariedade nos gabinetes palacianos.

Mais do que ninguém, o presidente sabe que a política, além de propiciar benesses, cobra de seus participantes. Dele, tem exigido um preço bem salgado. Pois o que vemos, nas lamentações presidenciais, é um homem gravemente ferido em sua sensibilidade, amargurado por sentir-se incompreendido, irritado por atribuírem-lhe posições que nega, com veemência, abandonado por antigos companheiros de lutas e prestionado por fortes interesses. Para complicar, as forças que dominam o meio ambiente não demonstram intenção de mover uma palha em seu socorro. José Sarney sente-se injustiçado e nem os petardos lançados por seu pequeno batalhão de artilheiros conseguem animá-lo.

A debilidade presidencial, que já virou coisa de rotina na interpretação da imprensa, alimenta as conversas que, torrencialmente, vão correndo na boca do povo, nas versões sem piedade do "homem indeciso, que não arrumou um plano de governo, não dispõe de apoio partidário, não sabe dar murro na mesa, não tem pulso", enfim, na imagem global de um presidente fraco. Os argumentos de Sarney, estribados na convicção de que tem sido lã entre vidros, temperando situações, amortecendo impactos na procura de um governo sereno, são sufocados pela grita dos escândalos e casos policiaiscos.

O governo e o presidente, em particular, podem até dispor de bons motivos para agirem da maneira atabalhoada com vêm fazendo. Mas o comportamento presidencial e os modos de operação de estrutura governamental não redundam, efetivamente, em eficácia política. A imagem de moderação, que o presidente quer passar para a sociedade, apesar de sua crença de que é a mais adequada para o atual estágio de transição, subtrai-lhe a força, valor transcendental em política. As conseqüências revelam-se em forma de fraqueza, esgotamento, improvisação, desajustamentos, dúvidas.

Ao carimbo de indecisão que snaliza a identidade governamental, soma-se um conjunto de situações negativas, bem visíveis e caracterizadas. Entre estas distinguem-se:

Descoordenação e falta de unidade — A grande quantidade de ministérios atrapalha a coordenação. A imprensa sempre divulga posições divergentes e contraditórias dos órgãos, não em conseqüência de um saudável debate conceitual, mas em função da simples falta de entrosamento entres eles. A superestrutura impede que o presidente possa estabelecer homogeneidade de linguagem e ajustes de opiniões.

Desconhecimento dos programas — Em conseqüência, os ministérios desconhecem programas que estão sendo desenvolvidos pelo conjunto, ocasionando perdas, repetições, por falta de si-

nergia e racionalidade. Alguns ministros chegam a declarar publicamente sua ignorância a respeito de projetos de colegas. Essa falha existe até a nível de ministérios setoriais, que integram o mesmo grupo (econômico, social, político).

Baixa motivação — A descontinuidade da gestão governamental, marca que faz chegar à opinião pública a idéia de que o governo está sempre começando, possivelmente explica a baixa motivação de algumas pastas. Certos ministros aparentam cansaço e tédio, ante o ritmo arrastado da burocracia de Brasília. Ademais, com os cortes a que estão sendo submetidos em suas áreas, não encontram mesmo motivo para atitudes entusiásticas.

Discurso para poucos — O discurso do presidente dirige-se a uma dúzia de interlocutores. Seu interesse centra-se na classe política, a quem pretende enviar recados, justificar pontos de vista, argumentar positivamente a respeito das questões que o sufocam. A impressão que fica é a de um presidente mentalmente preso a um mesmo alvo: um grupinho que lhe parece azedo e radical, nas críticas, e que o justiga incensantemente. Enquanto isso, amplos segmentos sociais ficam sem mensagens. Vendo a coisa, de longe.

Exacerbação litúrgica — O presidente Sarney gosta de cultivar vigorosamente a liturgia do poder. Veste-se de maneira fechada, adota uma postura hierática, dura, e mostra-se comedido, até nos sorrisos. Ele pode alegar que a hora não é de risos. Mas a exacerbação dos rituais do poder está conferindo a esse governo uma cara carrancuda e cheia de dor, o que, em termos simbólicos, transmite a impressão de uma aura negativa circundando os Palácios de Brasília.

Indefinições programáticas — Apesar das medidas, em pílulas, que vêm sendo tomadas na área econômica, resente-se de um fio condutor para garantir o equilíbrio do sistema econômico. Não se tem certeza do que virá amanhã nem mesmo se as decisões de ontem virarão mais tarde. A imagem é a de um governo tateando no escuro.

Camadas cinzas — A visibilidade dos sentimentos presidenciais em relação ao setor político é muito precária. Sarney se impôs uma couraça que lhe resguarda opiniões. Essa camada cinza não permite, por exemplo, distinguir com clareza sua posição sobre as eleições para prefetos, este ano, a implosão do PMDB (seria benefício para ele?), mudanças ministeriais, base de sustentação política etc.

Como se percebe, as situações negativas encaixam-se na faixa de comportamento e, como tal, podem receber outro tratamento, dando ao governo uma cara melhor. Talvez seja difícil aos governantes um exercício de leituras sobre seus modos de relacionar-se com a sociedade, pois as práticas que adotam acabam por "cegar" os participantes governamentais, amortecendo seu senso crítico e capacidade de análise. O governo parece cego. A continuar assim, as ondas negativas, como uma bola de neve, vão-se espargindo e engolfando o que resta de uma identidade. A mudança de comportamentos poderá ajudar o presidente a criar um sentido para seu quarto ano de mandato. Sob pena de continuarmos a ver um governo sem sal nem pimenta. Insosso.

Gaudêncio Torquato é professor de Marketing Político na USP

27 ABR 1986

ESTADO DE SÃO PAULO